

A relação entre Linguística, Etnografia e Arqueologia:

um estudo de caso
aplicado a um sítio
com ocupação
tupiguarani no sul do
estado do Pará

Ana Vilacy Galucio

A partir de estudos linguísticos, é possível suscitar hipóteses sobre o passado, usando como base informações de línguas atuais e também de línguas conhecidas historicamente. Esse tipo de investigação se utiliza dos princípios da linguística histórica que se dedica à busca de estabelecer relações no passado entre línguas e de reconstruir estágios anteriores de línguas atuais. Dessa forma, é possível formular hipóteses sobre a pré-história das línguas e a partir disso, também, pode-se fazer inferências sobre os falantes das línguas no passado, sua cultura material e imaterial, localização, processos migratórios e relações com outros grupos. Nesse contexto, o conhecimento científico acerca do passado das populações amazônicas, adquirido através dos estudos linguísticos, pode ser correlacionado com o conhecimento arqueológico, antropológico, genético, contribuindo para estabelecer padrões culturais da ocupação humana na Amazônia. Este trabalho apresenta inicialmente uma breve descrição dos princípios e métodos da linguística histórica. Em seguida, discute a aplicação das ferramentas dessa disciplina em um estudo de caso, relacionando o estudo comparativo de línguas da família Tupi-Guarani faladas por grupos que habitam atualmente a região dos rios Tocantins-Xingu, uma investigação etnolinguística desses grupos e os achados arqueológicos em um sítio próximo à região da Serra do Sossego, no Município de Canãa dos Carajás, no Sul do Pará, onde foram encontrados vestígios cerâmicos associados à tradição cultural denominada tupiguarani.

Criar conhecimento científico a respeito da ocupação humana da Amazônia é uma meta comum a diversas disciplinas, incluindo entre outras a arqueologia, antropologia, biologia, e também a linguística. Neste trabalho, procuramos investigar possibilidades de correlações entre os resultados de estudos etnográficos, arqueológicos e linguísticos. Por um lado, a arqueologia estuda as culturas dos povos pré-colombianos com base nos vestígios, especialmente de cultura material, encontrados nos sítios arqueológicos e, através de métodos físicos como radiocarbono e termoluminescência, pode obter datações desses vestígios culturais, contribuindo para o entendimento das culturas investigadas.

No campo da Linguística, a linguística histórica é a área desta disciplina que permite formular hipóteses sobre a pré-história das línguas e fazer inferências sobre os falantes das línguas do passado, sua cultura material e imaterial, localização, processos migratórios e relações com outros grupos. Estas hipóteses científicas acerca do passado das populações amazônicas, adquirido através dos estudos linguísticos, podem ser correlacionadas com o conhecimento arqueológico, antropológico, etnobotânico, genético, entre outros, contribuindo para estabelecer padrões culturais da ocupação humana na Amazônia. Ressaltando-se, porém, que não há necessariamente correlação entre língua e cultura ou entre língua e grupo genético, de modo que o estabelecimento de correlações diretas entre os achados linguísticos e os arqueológicos, genéticos, etnobotânicos e antropológicos precisa ser feito com muita cautela, evitando-se extrapolações não corroboradas intrinsecamente por uma ou outra disciplina.

Na primeira seção, faremos uma breve descrição dos conceitos e métodos da linguística histórica, e como estes permitem o levantamento de hipóteses sobre a história e cultura dos falantes. A seção seguinte apresenta informações preliminares sobre o trabalho de pesquisa etnolinguística relacionada às evidências arqueológicas de ocupação tupiguarani, em um sítio no município de Canãa dos Carajás, região do Sul do Pará. O objetivo é indicar metodologias, caminhos e dificuldades, relacionando linguística histórica, etnolinguística, etnologia e arqueologia, na busca por um entendimento mais amplo da ocupação da região. Uma perspectiva ao apresentar essas informações é suscitar o interesse para a realização de mais trabalhos nessa área, que tem muito a descobrir.

Linguística histórica e inferências sobre o passado

Princípios gerais da linguística histórica

A linguística histórica analisa e compara sistematicamente línguas para as quais há evidências de uma origem comum, como por exemplo, as línguas românicas (romeno, italiano, francês, português, espanhol, etc.). O Método da linguística histórica que permite fazer essa comparação é o **Método Comparativo**. A linguística histórica e o método comparativo se embasam em duas grandes hipóteses para poder reconstruir o passado das línguas: a hipótese da relação entre as línguas (relação genética) e a hipótese da regularidade. A hipótese da relação entre as línguas busca explicar as semelhanças entre palavras de diferentes línguas postulando que essas línguas seriam relacionadas entre si, originando de uma única língua no passado. Já a hipótese da regularidade das mudanças de som diz que as mudanças de som se dão de forma sistemática e regular ao longo do tempo. O método comparativo consiste na análise de palavras com formas e significados semelhantes (palavras cognatas) em línguas para quais se suspeita que tenham uma origem comum, a fim de estabelecer correspondências regulares de sons e reconstruir sons e palavras existentes na língua original, ou seja, na língua do passado, a partir da qual se desenvolveram as línguas comparadas.

Essa fase anterior comum a todas as línguas comparadas é chamada de **Proto-Língua**, como por exemplo, o proto-romance (no caso, o latim falado por volta de 500 DC), que deu origem às línguas românicas. O conjunto de línguas descendentes de uma proto-língua é chamado de uma família linguística, no exemplo acima, a família românica. As línguas de uma mesma família são aparentadas entre si e são chamadas na terminologia da linguística histórica de “línguas irmãs”. E esse parentesco é chamado parentesco ‘genético’. Quando se estabelece uma relação genética entre um grupo de famílias linguísticas, diz-se que essas famílias

relacionadas constituem um tronco linguístico. É o caso, por exemplo, do tronco indo-europeu que, além da família românica, engloba as línguas germânicas, celtas, eslavas, o grego, etc.¹

As línguas indígenas brasileiras estão classificadas em várias famílias linguísticas distintas ao lado de dois grandes troncos linguísticos, o tronco Macro-Jê e o tronco Tupi. O tronco Tupi é constituído por 10 famílias linguísticas, sendo a maior delas a família linguística Tupi-Guarani, hoje formada por cerca de vinte línguas, algumas delas com diversos dialetos. No caso dessa família, a proto-língua que deu origem às línguas filhas é chamada *Proto-Tupi-Guarani*. Na Tabela 1, apresentamos uma série de palavras em quatro línguas Tupi-Guarani, para ilustrar resumidamente o tipo de semelhanças lexicais encontradas em línguas de uma família e sua reconstrução para a proto-língua. A aplicação de metodologia padrão usando o método comparativo permite a reconstrução do estágio anterior, a proto-língua, tendo por base a comparação dos cognatos e os princípios norteadores das mudanças fonéticas. Note-se, por exemplo, a correspondência **dʒ : tʃ : j : s.**, que pode ser regular porque se repete nas palavras para 'jacaré' e 'machado', ou a nasalização regular em Tapirapé. Na aplicação sistemática do método comparativo, para se comprovar uma relação genética é necessário um número bem maior de cognatos, e todas as correspondências devem ser regulares ou ter alguma outra explicação científica.

► Tabela 1.
Semelhanças lexicais em línguas da família Tupi-Guarani e sua reconstrução para o Proto-Tupi-Guarani. Mello, 2000.

Proto-TG	Assuriní Xingu	Tapirapé	Wajampí	Assuriní Tocantins	Português
*ita	ita	itã	takú-ru	ita	'pedra'
*tata	tata	ãtã	tatá	tatá	'fogo'
*jakare	dʒakaré	tʃãkãré	jakáre	sakaré	'jacaré'
*ji	dʒi	tʃi	ji	sia	'machado'

Mecanismos diacrônicos e hipóteses sobre o passado

Mudanças regulares de som e padrões de fragmentação espacial

Existem diversos mecanismos que produzem mudanças nas línguas e dão origem a novas línguas diferentes. Um desses mecanismos é a mudança de som. Os sons mudam em sons foneticamente semelhantes com o passar do tempo, e essa mudança de sons se dá com bastante regularidade. Segundo a hipótese da regularidade da mudança de som, quando

¹ Para aprofundamento dos conceitos e metodologias aplicados na linguística histórica ver Hock 1991 [1986], Jeffers; Lehiste, 1992 [1979], Fox 1995, Campbell 1998, entre outros.

ocorre uma mudança, todas as ocorrências de um determinado som em um dado contexto fonético são afetadas pela mudança. É o que aconteceu, por exemplo, no português brasileiro com o som [l] ao final de sílaba que mudou para [w], em quase todos os dialetos, como nas palavras *jornal*, *maldade*, etc. Esse tipo de mudança de som ocorre no curso da história das línguas, regular mas lentamente. Outros exemplos de mudanças sistemáticas de som são apresentados na Tabela 1, onde se observa que o som *j em proto-Tupi-Guarani mudou para **dʒ : tʃ : s**, nas línguas Asuriní do Xingu, Tapirapé e Asuriní do Tocantins, respectivamente, mas permaneceu como j, em Wayampí.

Um outro fator preponderante para a origem de diferentes línguas a partir de uma proto-língua é a fragmentação espacial de um grupo social. Se os falantes de uma comunidade linguística se distanciam social e geograficamente, formando dois ou mais grupos separados, esses grupos deixam de compartilhar as mesmas mudanças, então as mudanças ocorridas em cada um dos subgrupos poderá não atingir os outros subgrupos, e com o passar do tempo se estabelecerá uma diferenciação linguística entre eles, que passa a ser perceptível geralmente após um longo período de separação. Este processo leva ao surgimento de famílias linguísticas, compostas por grupos de línguas historicamente relacionadas.

Uma hipótese largamente difundida, embora não tenha aceitação unânime pelos especialistas, estabelece uma relação entre a diversidade de uma família linguística e a profundidade temporal dessa família em uma dada região. Segundo essa hipótese, a área com maior diversidade linguística de uma família ou de um tronco corresponderia provavelmente à área de dispersão ou a área de ocupação mais antiga pelos falantes da proto-língua. Por exemplo, a região do atual estado de Rondônia tem sido apontada como ponto de dispersão inicial das línguas do tronco Tupi (RODRIGUES, 1964, 2000). O principal argumento em defesa dessa hipótese é o fato de seis das 10 famílias do tronco Tupi se encontrarem nessa região, sendo que cinco famílias (Arikém, Mondé, Puruborá, Ramarama e Tupari) são faladas exclusivamente lá. A lógica dessa hipótese defende que seria mais provável que as cinco famílias faladas fora de Rondônia tenham partido de lá para os diferentes pontos onde são faladas hoje, do que cinco famílias independentemente e em momentos distintos tenham decidido mudar para aquela região.

É possível fazer inferências sobre a história dos falantes com base nos mecanismos de mudança de som e na forma como as línguas mudaram ao longo do desenvolvimento a partir da proto-língua. Mudanças compartilhadas por um grupo de línguas geneticamente relacionadas podem indicar que esse subconjunto de línguas constituía uma unidade linguística e poderia ocupar ainda o mesmo espaço geográfico no período em que essas mudanças foram estabelecidas. Nesse sentido, as informações de subagrupamentos linguísticos podem ajudar a entender os processos de dispersão de uma determinada família ou tronco linguístico, conforme discussão apresentada na próxima seção, a respeito de subgrupos da família linguística Tupi-Guarani.

Empréstimos linguísticos e suas implicações históricas

Um outro mecanismo de mudança linguística são os empréstimos de outras línguas. Situações de contato entre comunidades de falantes de línguas distintas resultam geralmente na aquisição de vocábulos da língua estrangeira que passam a fazer parte do vocabulário, ou seja, entram na língua como empréstimo. Essas palavras que entram nas línguas através de empréstimos por vezes aportam dificuldades para a metodologia de comparação e reconstrução linguística, pois a distinção entre empréstimos (formas adquiridas através de contato) e cognatos (evidências de origem comum) nem sempre é uma tarefa fácil. Entretanto, certos princípios podem ser observados nesse tipo de análise. Geralmente, os empréstimos são identificáveis porque apresentam certos sons que deveriam ter mudado seguindo as mudanças regulares da língua se a palavra já estivesse presente na proto-língua. Além disso, o contato entre línguas resulta em empréstimos lexicais e em certos campos semânticos específicos, que tendem a refletir a natureza do contato e podem indicar a direção do empréstimo. Por exemplo, quando um grupo entra na região de outro grupo falante de uma língua diferente, é comum que o grupo recém-chegado adquira, a partir da língua dos habitantes mais antigos do lugar, palavras para espécies da natureza que desconhecia.

Na relação de contato linguístico que se seguiu após a chegada dos europeus ao Brasil, as línguas Tupi-Guarani emprestaram para o português diversas palavras relacionadas à fauna e flora típica desta região, com as quais os portugueses não estavam habituados. Como resultado, temos no Português, hoje, diversas palavras para animais e plantas emprestadas das línguas indígenas, especialmente as línguas Tupi-Guarani, tais como: açaí, mutum, jaboti, jacaré, caju, tatu etc. Essas palavras indicam claramente que a direção do empréstimo foi de Tupi-Guarani para o Português.

Empréstimos também podem esclarecer situações de contato e acontecimentos no passado. Por exemplo, no sul do Estado de Rondônia, diversas línguas, inclusive línguas de famílias diferentes, não geneticamente relacionadas, possuem palavras semelhantes para “milho” (ver Tabela 2). Isso indica que provavelmente o milho e a palavra para “milho” se espalharam na região durante uma determinada época no passado. Por outro lado, o fato de línguas de famílias distintas compartilharem palavras semelhantes para ‘milho’ indica também que essas línguas e os povos que as falavam já se encontravam na área do atual estado de Rondônia, no período em que palavra foi difundida na região.

► Tabela 2.
Palavra para “milho” em línguas não relacionadas geneticamente (isoladas e de diferentes famílias) faladas no Sul de RO.

Família Tupari		Línguas Isoladas		Família Jabuti	
Ayuru atiti	Mekens atsitsi	Kanoê atiti	Kwazá atʃitʃi	Djeoromitxi tʃitʃi	Arikapu tʃitʃi

Relação entre palavras e coisas na proto-língua e proto-cultura

Uma das aplicações da linguística histórica no entendimento do passado dos povos é através da relação entre as palavras reconstruídas para a proto-língua e as inferências que se pode fazer sobre a proto-cultura dos falantes. Essa relação se baseia no raciocínio de que palavras que são possível reconstruir na proto-língua seriam indicações de que os falantes da proto-língua conheciam e possivelmente utilizavam tais coisas e conceitos. Por exemplo, a reconstrução da palavra para machado em proto-Tupi-Guarani indica que os falantes dessa proto-língua tinham conhecimento de machados há cerca de 1.500 a 2.000 anos, tempo estimado para a profundidade temporal da família Tupi-Guarani, tendo como base de comparação a diversidade de famílias melhor documentadas.

A reconstrução de palavras para mandioca, cavador de cova, batata doce e outros itens relacionados à agricultura, para proto-Tupi – proto-língua de todas as 10 famílias do tronco Tupi – falado há cerca de 4.000 a 5.000 anos, indica que os falantes dessa proto-língua já utilizavam a mandioca e instrumentos ligados ao cultivo, durante esse período (RODRIGUES, 1988). Porém, o Método Comparativo não tem o mesmo alcance que as datações de radiocarbono, por exemplo, na arqueologia. O método funciona comprovadamente bem com línguas separadas há até 5.000 anos. Quando a profundidade temporal é maior, geralmente não é possível recuperar com certeza os cognatos e as correspondências, devido ao grande número de mudanças ocorridas, a partir da proto-língua. Além dessa limitação intrínseca do método, de modo geral, as questões relacionadas a datações, tanto aquelas feitas de uma forma impressionística por analogia a contextos considerados similares, quanto as obtidas por métodos quantitativos e estatísticos (como a lexicostatística ou glotocronologia), representam a área menos solidamente estabelecida da linguística histórica.

Não obstante, os exemplos apresentados mostram como a análise de dados linguísticos de línguas atuais e também de línguas conhecidas historicamente permite fazer inferências sobre o passado dessas línguas e contribuir para o conhecimento acerca do passado dos falantes².

² Outros trabalhos que abordam esse tópico no contexto das línguas indígenas brasileiras, incluindo Rodrigues (2003) Moore e Storto (2002), Storto e Franchetto (2006), entre outros.

Relacionando linguística, etnologia e arqueologia no âmbito da investigação de um sítio arqueológico com ocupação tupiguarani³ no sul do estado do Pará

A presença de povos Tupi na região sul do Estado do Pará é confirmada tanto por relatos etnográficos e históricos quanto pelos achados arqueológicos. Existe uma grande área na região dos rios Tocantins e Xingu, no Pará, onde têm sido identificados vários sítios arqueológicos que podem ser relacionados à tradição Tupiguarani, na Amazônia (PEREIRA et. al., 2008).

O projeto de pesquisa “Programa de Arqueologia Preventiva na Serra do Sossego”⁴ foi desenvolvido no município de Canãa dos Carajás na região Sudeste do estado do Pará e reuniu, além de arqueólogos, especialistas em diversas áreas como antropologia física, paleobotânica, palinologia, linguística, pedologia e geofísica. O objetivo principal desse projeto foi caracterizar a ocupação pré-histórica no sítio PA-AT-247: Domingos, localizado na área rural do município de Canãa dos Carajás (PA) às proximidades do rio Parauapebas (afluente direito do rio Itacaiúnas), e relacioná-la com outros sítios localizados nessa região. Com os resultados das pesquisas realizadas no âmbito desse projeto busca-se construir um panorama atualizado dos estudos sobre a tradição Tupiguarani na Amazônia (PEREIRA, 2008).

As pesquisas arqueológicas realizadas na área do projeto Serra do Sossego revelaram uma grande quantidade de material cerâmico com características Tupiguarani relacionadas à tradição corrugada, no sítio PA-AT-247: Domingos, e a partir da análise da cerâmica e da técnica de reconstituição das bordas foram identificados diversos tipos de vasilhas como tigelas, pratos, vasos, panelas, alguidares e urnas funerárias (PEREIRA, 2008). As datações obtidas, através do método radiocarbônico, para esse sítio sugerem uma ocupação quase contínua da área por pelo menos 600 anos, sendo o início por volta de 1200 anos AP e o abandono da área por volta de 600 anos AP. Além disso, algumas datações por termoluminescência apontam ainda para um outro período de ocupação mais antigo, por volta de 1500 anos A.P. (PEREIRA, 2008). As datações obtidas para o sítio PA-AT-247:Domingos, assim como as características quanto à manufatura, antiplástico, decoração e forma da cerâmica localizada na área, permitem relacioná-lo à mesma faixa temporal dos sítios arqueológicos associados ao período cerâmico na região sudeste do Pará, associados à tradição Tupiguarani (PEREIRA et. al., 2008).

³ Neste artigo, encontra-se as duas grafias: Tupiguarani, quando se refere à classificação arqueológica, e Tupi-Guarani, quando se refere à classificação linguística e antropológica, seguindo a tradição de cada área.

⁴ Projeto de pesquisa desenvolvido no Museu Paraense Emílio Goeldi, em convênio com a empresa Vale, sob a coordenação da arqueóloga Edithe Pereira.

A localização do sítio PA-AT-247: Domingos é em uma área próxima ao rio Parauapebas onde atualmente não existe nenhum grupo indígena e para a qual não há referências pontuais sobre grupos indígenas no passado mais recente. Porém, os vestígios materiais encontrados e identificados como pertencendo à tradição cultural Tupiguarani suscitam o interesse e a necessidade e se tentar buscar informações sobre os antigo(s) povo(s) Tupi e mais especificamente povos Tupi-Guarani, que habitaram essa região, na tentativa de investigar a possibilidade de se estabelecer algum tipo denexo entre esses povos e os artefatos materiais (cerâmicos) que estão sendo descobertos e estudados nas pesquisas arqueológicas, muito embora não haja necessariamente equivalência direta entre povo, língua e tradição cultural.

Na tentativa de procurar responder esses questionamentos, realizamos uma extensa pesquisa bibliográfica, buscando informações sobre os antigos habitantes da região do projeto de pesquisa arqueológica, conhecidos histórica e etnograficamente, seus locais de ocupação e características linguísticas e culturais. Esse é um dos primeiros passos metodológicos, que podem aliar as informações das disciplinas afins. A pesquisa foi feita inicialmente em relatos de crônicas de viajantes e missionários que visitaram a região investigada e cobriu o período que vai desde o século XVI até o início do século XX. Em um segundo momento, analisamos trabalhos de antropólogos, arqueólogos e linguistas, que envolviam os grupos Tupi-Guarani conhecidos na região. O resultado geral desse levantamento é apresentado nas próximas seções, com destaque para o resultado da investigação histórica e linguística. O mapa abaixo (Figura 1) mostra a delimitação interfluvial da área identificada como região dos rios Tocantins-Xingu⁵, que inclui a área de investigação levantada neste estudo, e indica também a área do projeto de pesquisa arqueológica, à margem do rio Parauapebas, afluente do rio Itacaiúnas, no Município de Canãa dos Carajás-PA.

⁵ Conforme definição de Expedito Arnaud (1989, p. 315-364), empregada neste trabalho: “a região do Tocantins – Xingu limita-se: ao norte pelos rios Amazonas, Anapu e Pará; ao sul pelos estados de Goiás e Mato Grosso; a leste pelos rios Tocantins-Araguaia; a oeste pelo Xingu e afluentes Iriri-Curuá. Outros rios que perpassam a região são: Jacundá, Pacajá Grande (ou de Portel) e Araticu (afluentes do rio Pará); Bacajá (afluente do Xingu); Itacaiúnas e Pucuruí (afluentes do Tocantins)”.

Os grupos indígenas da região do interflúvio Araguaia-Tocantins e da região do Tocantins – Xingu (Pará)

A bacia do rio Tocantins é descrita nos documentos referentes às viagens e missões realizadas em seu curso, desde o século XVII, como sendo habitada por índios falantes da Língua Geral (MOURA, 1922; LEITE, 1943; VIEIRA, 1997), ou seja, a Língua Geral Amazônica, também conhecida como Nheengatu, pertencente à família linguística Tupi-Guarani (tronco Tupi). Ao relatar acontecimentos decorridos durante a Bandeira de André Fernandes (1613 a 1615) ao atual rio Araguaia, o padre Antonio Araújo (1622/1623) refere-se especificamente à presença de uma tribo indígena cuja língua é identificada como sendo a Língua Geral, conforme transcrito abaixo. Aceitando-se essa informação linguística sobre o grupo, esta seria a primeira referência específica a índios falantes de uma língua Tupi na região pesquisada, que localizamos.

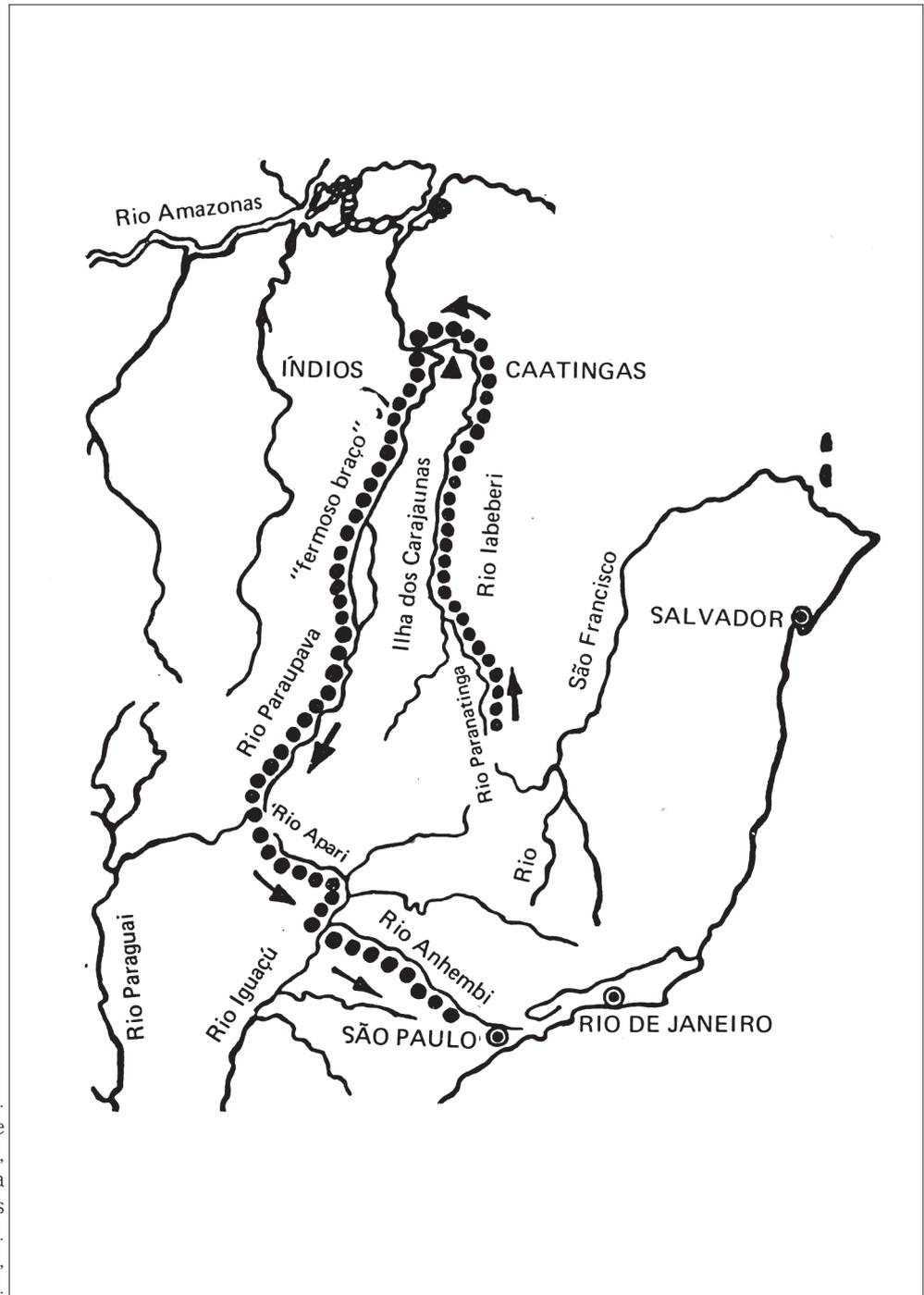
(...) foram desembocar em um fermoso braço do grande e afamado Pará. Navegando contra sua corrente, tanto quanto como duas léguas da barra do Iabeberi, que deixavam atrás, à mão esquerda, a esta mesma deram com 7 aldeias mui grandes, plantadas ao longo da borda do dito braço do Pará. **Os índios delas se chamavam CAATINGAS. SUA LÍNGUA ERA A GERAL DESTA COSTA.** (...) [os índios] afirmaram, outrossim, que pelo rio abaixo, de uma e de outra banda, havia grande número de aldeias, das quais não faltavam muitas pelo mesmo rio acima, mas pela terra adentro (ARAÚJO, 1622/1623 apud FERREIRA, 1997, p.121-122, grifo nosso).

A partir da descrição feita pelo padre Araújo, Ferreira (1997) identifica o “fermoso braço do grande e afamado Pará”, como sendo o rio Paraupava, atual rio Araguaia⁶, e faz um mapa contendo a descrição geográfica apresentada por Araújo, incluindo a localização do encontro com as sete aldeias dos índios Caatingas, conforme Figura 2, que mostra as aldeias dos Caatingas na região do interflúvio Araguaia-Tocantins.

Esse mesmo grupo indígena – os Caatingas/Catingas – é referido em uma carta do padre Antonio Vieira, datada de 1655⁷, onde também são mencionados outros grupos indígenas do rio Tocantins, a maioria falante da “Língua Geral”. Segundo esses relatos, os Caatingas/Catingas falavam a Língua Geral (Tupi) e estavam localizados a duas léguas acima da confluência do

⁶ Uma discussão sobre as mudanças ocorridas nas denominações dos atuais rios Araguaia e Tocantins, desde o século XVI pode ser encontrada em (FERREIRA, 1997).

⁷ “Uma destas nações é a dos CATINGAS, que sempre foram inimigos dos Portugueses (...). Demais destas trouxeram os padres notícias de outras nações, que habitavam por todo aquele Rio dos Tocantins, muitas das quais falam a língua geral (...)”. (VIEIRA, 1997, p. 433-434, carta LXXIV).



► Figura 2.
Rota da bandeira de
André Fernandes,
incluindo a
localização dos
Caatingas, 1613-615.
Fonte: Ferreira,
1997, p.126.

Paraupava (Araguaia) com o labeberi (Tocantins). O nosso conhecimento atual dessa literatura permite inferir que eles seriam falantes de línguas Tupi-Guarani, embora não necessariamente a própria Língua Geral.⁸

Por outro lado, embora sem propor ligações diretas, consideramos importante notar que a região onde foram identificados os Caatingas/Catingas fica localizada próxima a área do projeto de pesquisa arqueológico no sítio PA-AT-247: Domingos, Parauapebas, onde foi encontrada cerâmica identificada com a tradição tupiguarani.

Documentos etnohistóricos mais recentes também reportam que a área onde se desenvolveu o projeto de pesquisa arqueológica, a região dos rios Tocantins-Xingu, foi ocupada por vários outros grupos Tupi, que tiveram sua presença registrada desde os primeiros séculos da presença europeia na região (COUDREAU, 1977; NIMUENDAJU, 1981[1948], VIVEIROS DE CASTRO, 1986; ARNAUD, 1989, FAUSTO, 2001, entre outros). Dentre esses grupos mencionados em diferentes pontos na margem esquerda do rio Tocantins, pelo menos desde o início do século XVII, e que hoje são extintos, estão: os antigos Pacajá (séc. XVIII a 1793), os Tacayuna (Taquanhona, Tocoanhus Tocaiunas, Taquenhunas, Tacanhúna, Tacaiuna, Itacaiuna) mencionados desde os séc. XVII no rio Itacaiúnas⁹, os Tapiraua (fins do século XIX); os Kupê-Rob. Segundo alguns autores, os Kupê-rop, referidos desde o séc. XIX até por volta de 1940, na margem esquerda do Tocantins, seriam provavelmente os próprios Parakanã atuais (ARNAUD, 1989, p. 338). Na região do Xingu-Bacajá há notícias sobre os Takunyapé. Além desses grupos, Arnaud (1989) cita ainda os Pauxí, Aracaju, Guahara, além de outros que desapareceram sem que ficasse registrada alguma informação de valor etnográfico sobre eles¹⁰.

⁸ Nessa mesma carta, o Pe. Vieira informa sobre uma missão comandada, em 1655, pelos padres Francisco Veloso e Tomé Ribeiro, a qual teria subido o rio Tocantins e encontrado os índios Tupinambás, cujas aldeias ficavam “a trezentas léguas” de navegação subindo o rio Tocantins.

⁹ Segundo Baldus (1970), no Dicionário Geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil, de 1845, Milliet de Saint-Adolphe menciona no Itacaiúnas uma “tribu d’Índios Tupinambás” (SAINT-ADOLPHE, 1845, p.674 apud BALDUS, 1970, p. 25) chamada “Tacanhúna”. Essa descrição implica que os Tacaiuna (Tacanhúna, Itacaiuna) seriam um grupo Tupi, da família linguística Tupi-Guarani. Porém, essa foi a única referência ao grupo que habitava o rio Itacaiúnas como sendo Tupi. Por outro lado, Curt Nimuendajú (1981[1948]), em seu Mapa-etno Histórico de 1944, localiza um grupo indígena Tacayuna, no rio Itacaiúnas, nos anos de 1721 e 1793, mas não propõe a classificação linguística para o grupo.

¹⁰ Os Tocantins são mencionados desde as primeiras décadas do século XVII (PARENTE, 1625 apud FERREIRA, 1997, p.195; VIEIRA, 1997, p. 343-369) como habitantes do rio Tocantins, que teria assim nomeado em referência a esse grupo, porém a localização exata da nação dos Tocantins, bem como sua afiliação linguístico-cultural, não é informada nos documentos consultados.

A literatura etnográfica e histórica registra essa ocupação antiga de povos Tupi na região do Tocantins-Xingu e nota como mais recente a presença de povos Karib (Arara) e Jê (Kayapó) nessa região, embora estes últimos sejam maioria atualmente (METRAUX 1927; FRIKEL 1963; COUDREAU 1977, 1980; NIMUENDAJU 1981[1948]; ARNAUD, 1989; MOURA 1989; FERREIRA, 1997; VIEIRA 1997, entre outros). Entre os grupos Tupi, não Tupi-Guarani, citados nessa região estão, por exemplo, grupos da família Juruna e Munduruku. Os Juruna são mencionados no Baixo Xingu desde o séc XVII, tendo se deslocado posteriormente para o sul, até o rio Manitsauá, no Parque Indígena do Xingu (ARNAUD, 1989). Os Kuruáya e Xipayá (pertencentes às famílias Munduruku e Juruna, respectivamente), citados como habitantes dos rios Iriri e Curuá, afluentes do Xingu, nos séc XVIII e XIX, mudaram-se para a região próxima à atual cidade de Altamira, devido em grande parte aos vários ataques sofridos dos Kayapó (ARNAUD, 1989). Em relato de viagem realizada aos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho em 1792, Villa Real (1892, p.427) cita informações de que nas cabeceiras de um afluente do rio Itacaiúnas havia habitações da nação Munduruku¹¹.

Dentro da região dos rios Tocantins-Xingu, a área do interflúvio dos rios Pacajá e Tocantins é identificada como tendo sido uma região habitada por grupos Tupi-Guarani, hoje já extintos, pelo menos desde o início do século XVII, conforme evidenciado na síntese dos relatos históricos e etnográficos que indicam as evidências de ocupação Tupi-Guarani nessa área (VIVEIROS DE CASTRO, 1986; FAUSTO, 2001).

Porém há registros acerca do despovoamento dessa região já desde a metade do século XVII. Vários grupos da família Tupi-Guarani são citados na literatura como habitantes da região Tocantins-Xingu no passado, tendo migrado posteriormente para diferentes áreas. Entre esses, destacamos os Tapirapé, atualmente habitantes da região mais próxima ao rio Araguaia, na ilha do Bananal, mas cujo agrupamento linguístico e informações históricas confirmam sua trajetória em uma região mais próxima ao interflúvio Tocantins-Xingu, em tempos antigos (BALDUS, 1970). Os Kamayurá que teriam chegado à sua região atual no Alto Xingu vindo de uma região mais a nordeste, através da bacia dos rios Tocantins-Araguaia (SEKI, 2000; DRUDE, no prelo, e referências lá citadas)¹². Os Wayampí, mencionados, ainda no século XVII, na região do baixo rio Xingu, a mesma que era habitada também pelos Pacajá (já extintos) e pelos Juruna e Kuruaya, migraram para a margem esquerda do Amazonas, no séc. XVIII e, atualmente, estão situados no Estado do Amapá e na Guiana Francesa. Os Anambé, referidos

¹¹ Referida como “Mudrucú” no documento de Villa Real. Ignácio Moura (1922, p.134) relata o avanço dos Munduruku, em expedições de guerra, desde o rio Tapajós até o rio Capim, em 1772, ocasião em que eles teriam sido rechaçados pelos Apinagé na área do Tocantins.

¹² Seki (2000) menciona, por exemplo, uma possível convivência entre os Kamayurá e Tapirapé, a nordeste da região do Alto Xingu.

a partir do séc. XIX, atravessaram o Tocantins e estabeleceram-se junto aos índios Turiwára, no rio Cairari (afluente do Moju). E os Ka'apor, hoje situados no Vale do Gurupi, na divisa entre os estados do Pará e Maranhão, já ocuparam uma área bem mais a oeste de seu atual território e têm uma tradição de migração extrapolando a região do Tocantins (HUXLEY, 1963 apud ARNAUD, 1978).

Apesar de os relatos históricos confirmarem a ocupação de grupos Tupi-Guarani na região do rio Tocantins, próximo à embocadura do rio Itacaiúnas, não localizamos referências pontuais para uma ocupação Tupi-Guarani no rio Parauapebas, a área de influência direta do projeto “Programa de Arqueologia Preventiva da Serra do Sossego”. Atualmente, o grupo indígena mais próximo à área do projeto, na região do rio Itacaiúnas, é o grupo Xicrin, que fala uma das variedades da língua Mebengokre/Kayapó, pertencente à família Jê (tronco Macro-Jê). Segundo relatos históricos, eles seriam um dos grupos Jê que teriam motivado a saída dos povos Tupi da região, provocando sua mudança para áreas mais afastadas, à montante do rio Parauapebas (NIMUENDAJU, 1981 [1948]). Outros grupos Jê também habitam atualmente a região, especialmente ao sul do rio Parauapebas. Porém, essa região foi habitada por diversos grupos Tupi-Guarani, alguns já extintos e outros que migraram para diversas regiões.

Atualmente, na grande região dos rios Tocantins-Xingu, que inclui os rios Itacaiúnas e Parauapebas, vivem cinco grupos indígenas da família Tupi-Guarani: Araweté, Asuriní do Tocantins¹³, Asuriní do Xingu, Parakanã e Suruí¹⁴. É bem possível que alguns desses grupos sejam remanescentes dos mesmos grupos já mencionados na região pelo menos desde o século XIX, embora com outros nomes (COUDREAU, 1980; GALUCIO, 2005a,b, e demais referências lá citadas). Todos esses cinco grupos indígenas Tupi-Guarani já tinham sua presença registrada na região do interflúvio Tocantins-Xingu, pelo menos desde o início do século XX e alguns desde o final do século XIX, conforme relatos etnográficos.

Desses cinco grupos Tupi-Guarani contemporâneos (fora de eventuais contatos com as bandeiras nos séculos 17 e 18), os Asuriní do Xingu foram os primeiros a serem conhecidos, ao final do século XIX, quando estavam localizados na região entre o Xingu e o Bacajá (COUDREAU, 1977). No início do século XX tomou-se conhecimento dos Parakanã, na margem esquerda do Tocantins, mas sua presença na região é bastante antiga. O antropólogo Carlos Fausto (2004:1) define a região tradicional dos Parakanã como o “interflúvio Pacajá-Tocantins”, ou seja, ao norte da área do Projeto de Arqueologia da Serra do Sossego. Porém, o mesmo autor levanta a hipótese de que “os Parakanã são prováveis remanescentes de uma das tribos Tupi que habitavam a região havia muito tempo, em um polígono limitado ao norte pelo rio Pará, ao sul

¹³ Também conhecidos como Akuawa Asuriní ou Asuriní do Trocará.

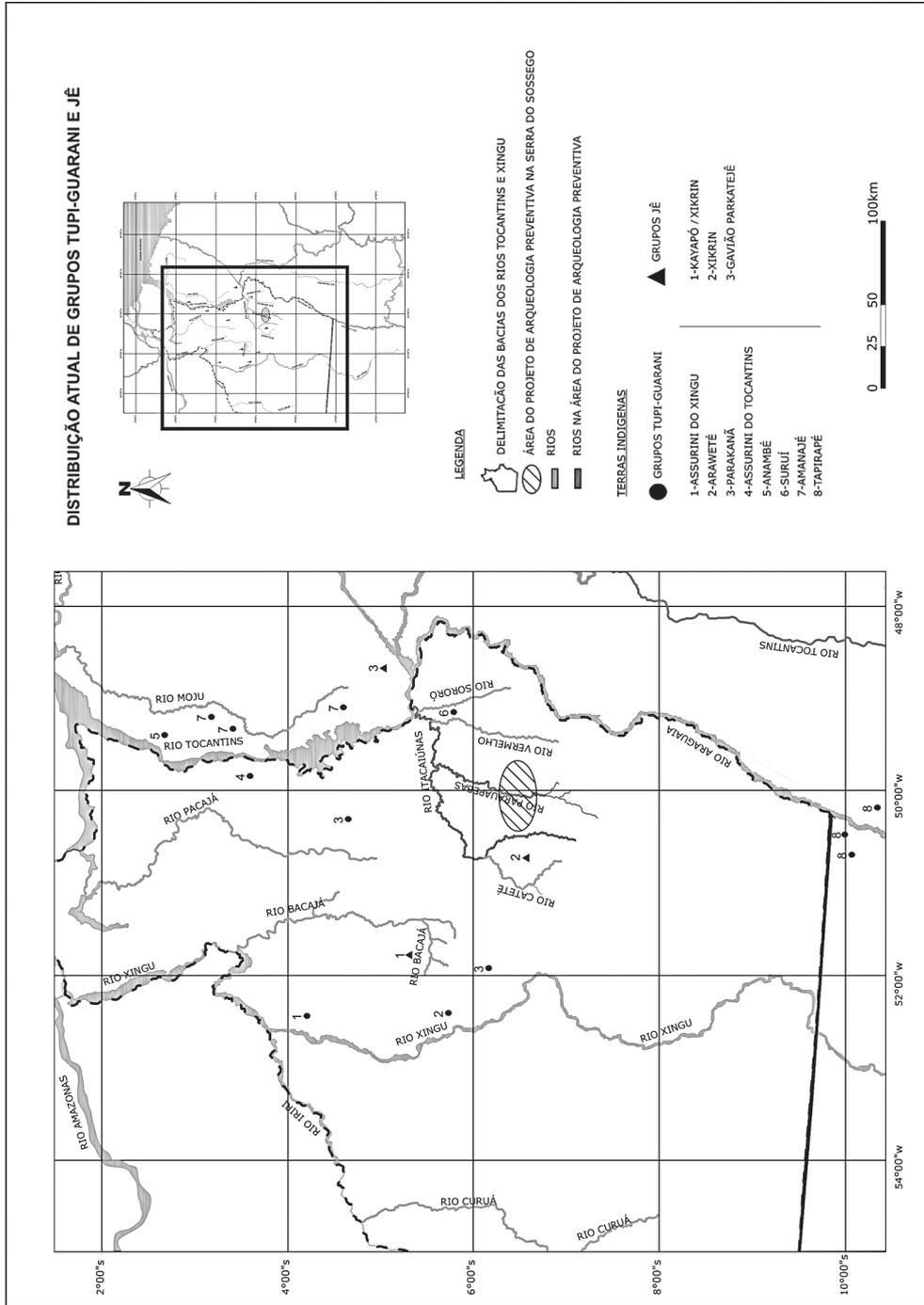
¹⁴ Chamados também de Surui-Mudjetire ou Surui-Akuáwa. Para detalhes sobre as denominações desse grupo indígena, ver Baldus (1970), Arnaud (1989), Laraia (1998).

pele Itacaiúnas, a leste pelo próprio Tocantins e a oeste pelo Pacajá” (FAUSTO, 2001, p.41). Essa área delimitada por Fausto inclui exatamente a região onde está localizado o sítio arqueológico investigado pelo Projeto de Arqueologia da Serra do Sossego, uma vez que o rio Parauapebas, onde se localiza o sítio investigado é um dos afluentes do Rio Itacaiúnas.

Registros etnográficos apontam como a localização mais antiga conhecida dos Araweté a região próxima às cabeceiras do rio Bacajá, baixo Xingu, onde teriam permanecido até meados do século XX (ARNAUD 1978; VIVEIROS DE CASTRO, 1986). Após a saída do Bacajá, os Araweté habitaram alguns rios da margem direita do Xingu, como o Ipixuna, Bom Jardim e Piranhaquara. Por fim deslocaram-se para o médio Ipixuna, de onde desalojaram os Asuriní do Xingu (ARNAUD, 1989; VIVEIROS DE CASTRO, 1992). Os Asuriní do Tocantins e os Suruí foram identificados mais recentemente na região do baixo Araguaia, Itacaiúnas e Tucuruí. Porém, relatos dos próprios Assuriní do Tocantins dão conta de sua localização originária no rio Xingu, junto com os atuais Parakanã, de onde teriam se deslocado para leste, inicialmente para o rio Pacajá e posteriormente para o rio Trocará, devido a conflitos com outros grupos indígenas (ANDRADE, 1999).

Fausto (2001, p. 65) apresenta um mapa com localização dos grupos indígenas do interflúvio Tocantins-Xingu, em meados do século XX, onde registra exatamente a presença de dois subgrupos Xicrin, dois subgrupos Parakanã, os Assuriní do Xingu e os Assuriní do Tocantins e os Araweté, embora os Suruí não constem do mapa apresentado por Fausto, eles também estavam localizados no canto sudeste da região representada no mesmo, próximo à região do município de Marabá. A Figura 3 apresenta a distribuição conhecida atual desses cinco grupos Tupi-Guarani na região do interflúvio Tocantins-Xingu, e inclui também a localização dos Xicrin, Kayapó e Gavião-Parkatejê, grupos Jê que atualmente vivem nessa região, além da localização atual de outros grupos Tupi-Guarani pertencentes aos mesmos subagrupamentos linguísticos dos cinco grupos atuais dessa região, com destaque para os grupos Anambé do Cairarí, Ararandewára/Amanajé e Tapirapé.

Considerando o período de ocupação registrado pelo projeto “Programa de Arqueologia Preventiva da Serra do Sossego” para o sítio PA-AT-247: Domingos e a identificação dos vestígios cerâmicos encontrados com a Tradição Tupiguarani, surge a pergunta se haveria a possibilidade de se estabelecer alguma relação entre os antepassados dos atuais povos Tupi, especificamente os Tupi-Guarani, que habitam, hoje, em áreas dispersas na região dos rios Tocantins – Xingu, e os povos antigos que habitaram a região, onde hoje se realiza o referido projeto. Entretanto, uma das grandes dificuldades na avaliação das fontes históricas é que as informações sobre a identidade dos antigos grupos Tupi (Tupi-Guarani) que viveram na região, bem como sobre sua localização geográfica e suas características culturais, são extremamente esparsas, vagas e imprecisas. Como citado acima, a área de ocupação e dispersão na região sugerida por Fausto (2001) para os Parakanã inclui a área do projeto de pesquisa arqueológica, porém essa informação não é suficiente para o estabelecimento de uma relação entre os



▲ Figura 3. Localização atual de grupos Tupi-Guarani e Jê, na região Tocantins-Xingu. Ilustração: C. Barbosa.

resquícios arqueológicos encontrados no sítio investigado e os atuais Parakanã. Nesse sentido, o aprofundamento de estudos realmente interdisciplinares é essencial para a construção de um panorama mais definido. Por exemplo, o desenvolvimento de projetos integrados de etnoarqueologia junto aos Parakanã, aliando informações etnográficas e etnolinguísticas, poderia ajudar a identificar possíveis locais de ocupação antiga de povos associados com a Tradição Cerâmica Tupiguarani.

Classificação Linguística e sua relevância para o conhecimento da ocupação antiga na Amazônia: o caso dos atuais grupos Tupi-Guarani da região do Tocantins-Xingu

Estrutura interna da Família Linguística Tupi-Guarani, Tronco Tupi

A família linguística Tupi-Guarani é a maior família do tronco Tupi e é composta por pouco mais de vinte línguas, com aproximadamente quarenta dialetos. Os povos Tupi-Guarani possuem uma particularidade interessante: apresentam ao mesmo tempo uma pequena diferenciação linguística e uma grande dispersão espacial. Uma das explicações possíveis para essa grande proximidade linguística das línguas Tupi-Guarani ainda hoje, ou seja, a forte semelhança entre elas, é de que a separação dos membros dessa família tenha ocorrido no passado relativamente recente. Enquanto a profundidade temporal da família linguística Tupi-Guarani – a época em que a família começou a se dispersar, dando origem às línguas atuais – é estimada, em cerca de 1500 a 2000 anos, os estudos comparativos indicam que os subagrupamentos dentro da família são mais recentes. Isso sugere que o complexo migratório Tupi-Guarani que já existia desde tempos pré-históricos (METRAUX, 1927) somou-se aos deslocamentos e remanejamentos populacionais provocados pela ocupação europeia. Contudo, para dar conta da ampla dispersão espacial dos povos Tupi-Guarani e ao mesmo tempo da proximidade linguística entre eles, essa dispersão deve ter acontecido de forma muito mais ampla e rápida que a dos demais povos Tupi, por exemplo. O ponto de origem e dispersão dos povos Tupi em geral e suas prováveis migrações, especialmente dos povos Tupi-Guarani, tem sido discutida desde pelo menos o século XIX, com contínuas revisões baseadas nos avanços dos conhecimentos tanto na área da arqueologia quanto da linguística, conforme, por exemplo, os trabalhos de Rivet (1924), Metraux (1927), Loukotka (1950), Rivet; Loukotka (1952), Rodrigues (1958, 1964, 1984-1985, 1985, 1988, 2000, 2007), Lathrap (1970), Brochado (1984, 1989), Noelli (1996), Viveiros de Castro (1996), Urban (1996). No campo da linguística, o estudo

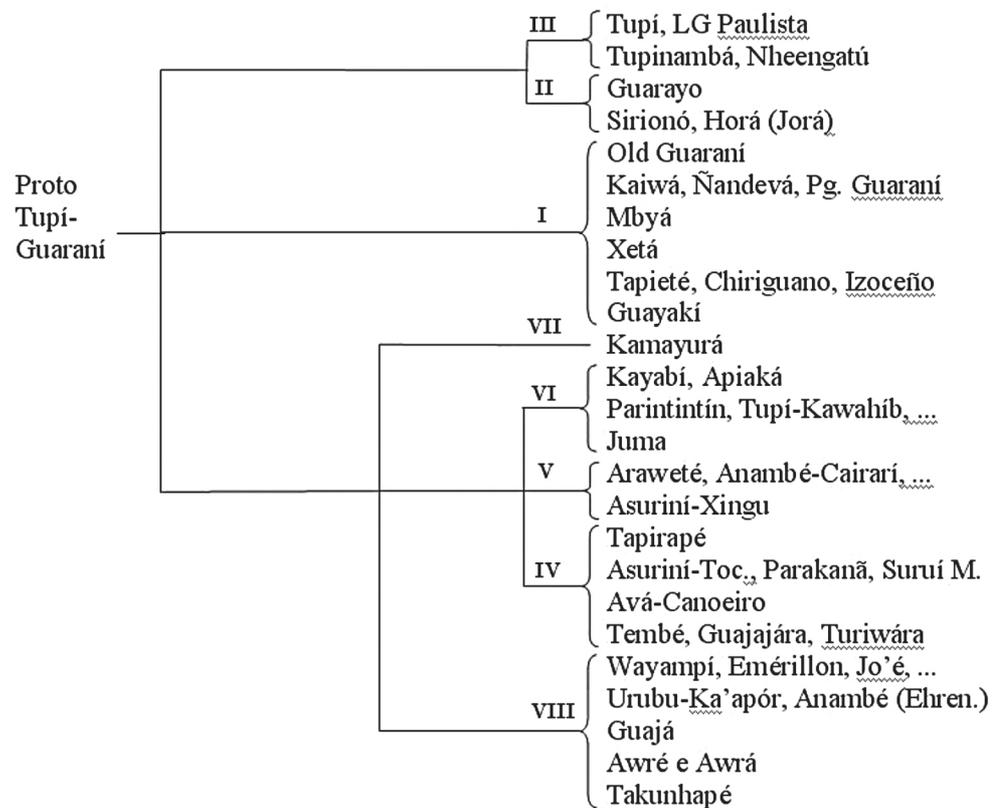
histórico-comparativo que permitiu o entendimento das relações linguísticas e a classificação genética das línguas Tupi e seus subagrupamentos foi fundamental para o desenvolvimento dessas hipóteses. Contudo os cenários levantados por esses trabalhos ainda apresentam lacunas que poderão ser respondidas com o avanço dos estudos nessa área.

Como já mencionado, apesar do alto grau de semelhanças entre as línguas da família Tupi-Guarani, povos falantes dessas línguas se encontram dispersos em uma vasta área geográfica da América do Sul, principalmente no Brasil e em áreas adjacentes no Paraguai, na Argentina, na Guiana Francesa, na Bolívia e no Peru. No Brasil, as línguas da família Tupi-Guarani são faladas nos estados do Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rondônia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. À época da chegada dos europeus, os povos falantes de línguas Tupi-Guarani ocupavam quase todo o litoral brasileiro e a bacia do Paraguai. Essa posição propiciou o interesse pelo estudo das línguas dessa família já há vários séculos. Mais recentemente, vários estudos comparativos e propostas de classificação e reconstrução linguística têm sido desenvolvidos com as línguas da família Tupi-Guarani (LEMLE, 1971; JENSEN, 1998; SCHLEICHER, 1998; RODRIGUES, 1984-1985, MELLO, 2000; RODRIGUES; CABRAL, 2002; FIGUEIREDO, 2004; SOLANO, 2004; DIETRICH; SYMEONIDIS, 2008; entre outros). A Figura 4 apresenta uma das classificações internas da família Tupi-Guarani, proposta por Rodrigues; Cabral (2002), que divide a família em oito subconjuntos¹⁵.

Informações etnográficas e linguísticas sobre relações de proximidade entre os atuais grupos Tupi-Guarani da região Tocantins-Xingu

Visando levantar informações que ajudem a entender a história da ocupação na região e contextualizar as informações obtidas pelo projeto de arqueologia no sítio PA-AT-247: Domingos, à margem do rio Parauapebas (Sudeste do Pará), investigamos as relações e características linguísticas identificadas para os atuais povos Tupi-Guarani da região dos rios Tocantins-Xingu (Asuriní do Tocantins, Suruí, Araweté, Parakanã e Asuriní do Xingu), assim como outras características culturais relacionadas. Ainda que não haja necessariamente uma equivalência direta entre similaridade linguística e similaridade cultural e não se possa estabelecer associações diretas entre os achados arqueológicos e os povos Tupi-Guarani conhecidos na região, a coleta de informações etnográficas e etnolinguísticas é importante para o conhecimento da história da ocupação nessa região da Amazônia e pode servir de subsídios para estudos mais integrados dessas disciplinas no futuro.

¹⁵ A classificação de Rodrigues; Cabral (2002) é uma reformulação parcial da classificação apresentada em Rodrigues (1984-1985). Para outras propostas de classificação da família Tupi-Guarani, ver Mello (2000) e Schleicher (1998).



► Figura 4.
Classificação da
família linguística
Tupi-Guarani.
Fonte: Rodrigues;
Cabral, 2002.

Em relação à cultura material, um traço comum a todos os cinco grupos supracitados é o processamento de cerâmica para fins utilitários (fornos, potes etc.), embora com propriedades distintas. Entre as características mais proeminentes na cerâmica produzida por eles destaca-se a cerâmica policrômica com desenhos variados, entre os Asurini do Xingu, cerâmica decorada em preto, entre os Parakanã, e cerâmica simples entre os Asurini do Tocantins, Suruí e Araweté (ARNAUD, 1989). É importante notar que na investigação arqueológica realizada no sítio PA-AT-247: Domingos, rio Parauapebas, foi encontrada grande quantidade de material cerâmico arqueológico *in situ*, incluindo vasilhames inteiros e enterramento em urnas funerárias. A análise do material cerâmico arqueológico identificou características classificadas como pertencentes à Tradição cerâmica Tupiguarani, relacionadas à tradição corrugada e revelou decorações do tipo unglulado, corrugado e inciso, além de policromia. O conjunto de características do sítio Domingos permite associá-lo a outros sítios arqueológicos pesquisados na região de Carajás, incluindo o curso dos rios Parauapebas e Itacaiúnas, onde também foi encontrado material cerâmico associado à fase arqueológica Tupiguarani. Muito embora, a comparação do material cerâmico encontrado no sítio Domingos com a tecnologia cerâmica presente entre os grupos

Tupi-Guarani atuais da região seja apenas uma pequena ponta do trabalho etnoarqueológico, esse poderia ser um excelente ponto de partida para o aprofundamento de estudos nessa área. Em seu panorama sobre os trabalhos etnoarqueológicos realizados na Amazônia, Fabíola Silva (2009) deixa claro que a etnoarqueologia pode contribuir para o conhecimento da expansão dos povos Tupi na Amazônia, através de estudos que considerem pelo menos três temas: “transmissão e manutenção inter-gerações dos etnoconhecimentos Tupi; ocupação, exploração e transformação dos territórios; e, continuidade e mudança da tecnologia cerâmica” (SILVA, 2009, p. 32).

Os relatos etnográficos sobre esses grupos (LARAIA, 1978; VIVEIROS DE CASTRO, 1986; ARNAUD, 1989; FAUSTO, 2001, 2004, entre outros) indicam que os Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins e Parakanã parecem mostrar mais afinidades entre si, tanto em relação à língua quanto a aspectos da cultura e da organização social.

Do ponto de vista linguístico, todos os cinco grupos Tupi-Guarani atuais da região dos rios Tocantins-Xingu (Asuriní do Tocantins, Suruí, Araweté, Parakanã e Asuriní do Xingu) falam línguas pertencentes à família linguística Tupi-Guarani. Os idiomas falados pelos Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins e Parakanã são tão próximos que foram classificados como variedades dialetais de uma mesma língua, identificada como língua Akwáwa (RODRIGUES, 1986).

Já os Asuriní do Xingu e principalmente os Araweté possuem características mais diferenciadas, linguística e culturalmente, tanto entre si quanto em relação aos outros três grupos (Asuriní do Tocantins, Suruí e Parakanã). Os Araweté são descritos como sendo os mais diferenciados em relação aos outros quatro grupos referidos, sobretudo na língua. Viveiros de Castro (1986, 2003) afirma que a língua Araweté é a mais diferenciada em relação à língua dos grupos vizinhos da mesma família, citando o fato de haver pouca inter-compreensão entre os falantes Araweté com os Asuriní do Tocantins, Suruí, Parakanã, Tapirapé e até mesmo com os Asuriní do Xingu. Com base nessa diferenciação, Viveiros de Castro (idem) sugere que a separação dos Araweté pode ter sido mais antiga ou ainda que eles podem ter vindo de outra região, embora não descarte a hipótese de os Araweté, assim como vários outros grupos Tupi-Guarani da região, serem descendentes da tribo dos Pacajás, que foi alvo de intensa atividade missionária por parte dos jesuítas, no século XVII¹⁶.

A unidade das línguas Tupi-Guarani da região do Tocantins-Xingu e também a singularização da língua Araweté dentro do grupo é demonstrada nos estudos linguísticos, como se pode

¹⁶ Há relatos dos Jesuítas mencionando a fuga de índios Pacajá para a floresta para escapar do trabalho de catequese (VIVEIROS DE CASTRO, 2003).

verificar nas classificações da família Tupi-Guarani. Dois dos trabalhos mais recentes de classificação da família (MELLO, 2000; RODRIGUES; CABRAL, 2002), baseados em similaridades fonológicas sincrônicas, mudanças compartilhadas e outros critérios de classificação linguística, apresentam as variantes dialetais faladas pelos Suruí, Parakanã e Asuriní do Tocantins compondo um subgrupo dentro do subconjunto de línguas que também contém Tapirapé, o grupo Tenetehára (Tembé, Guajajara e Turiwára¹⁷) e o Avá-Canoeiro¹⁸. Estudos mais recentes (FIGUEIREDO, 2004) confirmam que a relação de proximidade entre o Suruí, o Parakanã e o Asuriní do Tocantins é alta o suficiente para serem considerados variantes muito próximas de uma mesma língua. Entre esses três grupos, as variantes faladas pelos Parakanã e pelos Asuriní do Tocantins parecem ser mais próximas entre si, enquanto o Suruí compartilha com os dois muitos traços lexicais e gramaticais, mas está mais próximo das línguas Tenetehára, em termos de propriedades fonológicas.

As línguas Araweté e Asuriní do Xingu também pertencem à família linguística Tupi-Guarani, mas estão mais distantes geneticamente do Parakanã, Suruí e Asuriní do Tocantins. Tanto Rodrigues; Cabral (2002) quanto Mello (2000) classificam a língua Araweté dentro de outro subconjunto, mas o agrupamento pelos dois autores diverge. Mello (2000) coloca o Araweté no seu conjunto VII, junto com Aurê e Aurá, Anambé e Guajá, que para Rodrigues e Cabral (2002) são bem mais distantes, pertencendo ao seu subconjunto VIII. Estes autores, por sua vez, colocam o Araweté no seu conjunto V, junto com a língua Anambé do Cairarí e o Ararandewára/Amanajé. Eles agrupam ainda no mesmo subconjunto V o Asuriní do Xingu, enquanto Mello (2000) não menciona o Asuriní do Xingu. Segundo a classificação de Rodrigues e Cabral (2002), dentro do seu subconjunto V, o Araweté estaria mais estreitamente relacionado ao Ararandewára e ao Anambé que ao Asuriní do Xingu, apesar da proximidade geográfica atualmente maior com os Asuriní do Xingu.

Hipóteses a respeito do local de dispersão dos atuais grupos Tupi-Guarani da região Tocantins-Xingu considerando as informações linguísticas e histórico-etnográficas

Muito embora a origem histórica destes cinco grupos atuais e de outros habitantes do interflúvio Tocantins-Xingu seja imprecisa, as evidências linguísticas aliadas aos dados históricos e etnográficos permitem suscitar hipóteses a respeito do local de dispersão dos povos falantes das línguas encontradas na região atualmente. Nessa perspectiva, Cabral (2004) levanta a hipótese de que o subconjunto da família Tupi-Guarani composto pelas línguas Tapirapé, Tenetehara, Suruí, Parakanã, Asuriní do Tocantins e Avá-Canoeiro tenha existido ainda como

¹⁷ Esta última língua já não é mais falada atualmente.

¹⁸ Subconjunto IV na classificação de Rodrigues; Cabral (2002), conforme a Figura 5 .

um grupo uniforme no interflúvio Tocantins-Xingu, na região próxima à confluência dos rios Tocantins e Araguaia, tendo iniciado nessa área o desmembramento, que deu origem às línguas atuais. Segundo essa hipótese, a partir de uma área de dispersão próximo à confluência dos rios Tocantins e Xingu, os Tenetehara teriam migrado em direção ao nordeste dessa área, enquanto os Tapirapé e Avá-Canoeiro teriam seguido em direção ao Sul. Já os Suruí teriam permanecido mais próximos ao centro de dispersão, enquanto os Asuriní do Tocantins e os Parakanã teriam seguido para o norte, provavelmente em direção aos afluentes do rio Pacajá, onde foram registrados posteriormente. Uma evidência linguística para a separação tardia da língua dos Parakanã e Asuriní do Tocantins é a identificação total entre essas duas línguas com relação às inovações morfológicas e morfossintáticas desenvolvidas a partir do proto-Tupi-Guarani (FIGUEIREDO, 2004).

Cabral (2004) sugere ainda uma proximidade entre a região de origem das línguas Araweté e Assuriní do Xingu, ambas pertencentes ao conjunto V (RODRIGUES; CABRAL, 2002), e a área de dispersão das línguas do subconjunto IV (RODRIGUES; CABRAL, 2002), isto é, das línguas Tapirapé, Tenetehara, Suruí, Parakanã, Asuriní do Tocantins e Avá-Canoeiro. O argumento linguístico que fundamenta essa sua hipótese é o compartilhamento da mudança fonológica da vogal **o* para *a* envolvendo as línguas Araweté, Assuriní do Xingu (subconjunto V) e as línguas Tapirapé, Assuriní do Tocantins e o Parakanã (subconjunto IV). O compartilhamento dessa mudança fonológica por línguas de conjuntos diferentes poderia ser uma evidência de que os falantes dessas línguas estavam em contato próximo quando essa mudança ocorreu (CABRAL, 2004). Esse tipo de evidência linguística é válido e ajuda a compreender os padrões de agrupamento, porém, não há sempre uma única e inequívoca associação entre proximidade geográfica e compartilhamento de mudanças linguísticas, como indica o fato da supracitada mudança fonológica de **o* para *a* não ter ocorrido nas demais línguas do subconjunto IV (Suruí, Avá-Canoeiro e Tenetehara), muito embora o Suruí, por exemplo, esteja geograficamente no centro das línguas onde a mudança ocorreu.

As semelhanças linguísticas compartilhadas pelos Araweté, Anambé do Cairarí e Amanajé/Ararandewára ao mesmo tempo em que são evidências do relacionamento próximo entre essas línguas, podem servir de indicações também de que certas propriedades culturais compartilhadas entre os povos falantes dessas línguas tenham sido adquiridas em determinado momento do passado quando ainda constituíam um mesmo grupo ou viviam em contato próximo uns com os outros. Estudos mais aprofundados do ponto de vista das comparações lexicais podem dar indicativos que apontem em uma ou outra direção. Por exemplo, ao considerar a posição do Araweté na família Tupi-Guarani, Solano (2004) conjectura que as semelhanças linguísticas compartilhadas entre o Araweté, o Anambé do Cairarí e o Amanajé/Ararandewára sugeririam que a separação do Araweté em relação a essas duas línguas seria relativamente recente e não superior a 300 anos e que seria possível pensar em um deslocamento dos Araweté da margem direita do Tocantins para o rio Bacajá, onde teriam permanecido até o meados do século XX.

Mesmo que os detalhes destas hipóteses (CABRAL; SOLANO, 2003; SOLANO, 2004) ainda mereçam refinamento, as considerações expostas mostram que a análise dos subagrupamentos linguísticos (subconjuntos) dentro da família Tupi-Guarani pode fornecer informações sobre a dispersão espacial dos falantes. Essa é uma das áreas em que podemos associar a linguística histórico-comparativa com informações das disciplinas afins, para tentar obter informações sobre o passado dos povos falantes das línguas estudadas. Por exemplo, os estudos etnográficos aportam informações que devem ser consideradas para o entendimento da histórica de ocupação da região. Nesse sentido, a hipótese apresentada acima com base nos dados linguísticos é coerente com as informações histórico-etnográficas a respeito desses grupos. Laraia (1984-1985) aponta como tema presente entre os grupos atuais no interflúvio Tocantins-Xingu a cisão de um grande grupo Tupi-Guarani. Viveiros de Castro (1986) menciona a declaração feita pelos Suruí e os Asuriní do Tocantins de que teriam vindo de uma região a noroeste de seu sítio atual. Juntando a essa possibilidade a tradição Araweté que indica como origem o leste do Ipixuna, Viveiros de Castro (1986) sugere a hipótese de uma situação originária desses grupos a partir de um proto-grupo localizado no interflúvio Tocantins-Xingu, talvez na área do alto Pacajá de Portel, ou de Anapu. Existem registros etnohistóricos relatando o movimento migratório dos índios Kayapó, em direção ao norte, o que poderia ter motivado o deslocamento dos Araweté para a região do Ipixuna (NIMUENDAJÚ, 1948a).

Considerando-se especificante as línguas do subconjunto IV¹⁹ (Suruí, Parakanã, Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro Tapirapé, Tembé, Guajajara e Turiwára), os relatos históricos e etnográficos (NIMUENDAJÚ, 1948b; FAUSTO, 2001; entre outros) indicam que os Asuriní do Tocantins e os Parakanã viveram ambos na região do rio Pacajá. As informações a respeito dos Suruí indicam que eles viveram na confluência dos rios Araguaia e Tocantins, em uma região que pode ser considerada relativamente próxima aos Tapirapé e Avá-Canoeiro. Essa proximidade espacial poderia explicar os processos fonológicos históricos que os Suruí compartilham com os Avá-Canoeiro, por exemplo. Por outro lado, grupos classificados linguisticamente em subconjuntos distintos também podem ter ocupado essa mesma região. Como já notado anteriormente, os Ka'apor, classificados linguisticamente no subconjunto VIII (RODRIGUES; CABRAL, 2002) e hoje situados no Vale do Gurupi, na divisa entre os estados do Pará e Maranhão, já ocuparam uma área bem mais a oeste de seu atual território e têm uma tradição de migração extrapolando a região do Tocantins (HUXLEY, 1963 apud ARNAUD, 1978).

Como vimos os estudos linguísticos revelam algumas possibilidades para a identificação dos territórios originais e rotas migratórias dos atuais povos Tupi-Guarani da região do interflúvio Tocantins-Xingu, porém uma reconstrução histórica completa desses movimentos Tupi-Guarani ainda não é possível de ser feita. Além disso, não é possível apontar nenhuma hipótese definitiva sobre uma ligação entre os grupos Tupi-guarani desaparecidos e qualquer dos grupos atuais, especialmente devido ao pouco material existente sobre aqueles grupos.

CONCLUSÃO

Diversos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na região do Sul do Estado do Pará têm indicado a presença de vestígios associados à tradição arqueológica Tupiguarani na região. Por seu lado, a literatura etnográfica confirma a ocupação de povos Tupi-Guarani na região do interflúvio Tocantins-Xingu, inclusive na área próximo à embocadura do rio Itacaiúnas, embora não haja referências pontuais a respeito da ocupação do rio Parauapebas. Na área próxima ao interflúvio Tocantins-Araguaia, logo acima da embocadura do Itacaiúnas, foi reportado, já nas primeiras décadas do século XVII, um grupo Tupi-Guarani identificado pelo nome de Caatingas e “falantes da Língua Geral”. Com o conhecimento atual sobre a literatura dos viajantes e missionários, essa referência à língua geral deveria ser interpretada como significando que os Caatingas falavam uma língua Tupi-Guarani, embora não necessariamente a própria Língua Geral.

Embora não seja possível ainda fazer uma reconstrução histórica completa dos territórios originais e rotas migratórias dos atuais povos Tupi-Guarani da região do interflúvio Tocantins-Xingu, tanto os estudos etnográficos quanto os estudos linguísticos revelam possibilidades de identificação desses movimentos Tupi-Guarani. Em ambos os casos, as informações disponíveis sugerem a existência de um grupo Tupi-Guarani, relativamente coeso, na região do interflúvio Tocantins-Xingu, próximo à confluência dos rios Araguaia e Tocantins, que teria se dispersado em movimentos sucessivos, dando origem aos grupos atuais.

Por outro lado, não é possível apontar uma hipótese definitiva sobre uma ligação entre os grupos Tupi-Guarani desaparecidos e quaisquer dos grupos atuais, especialmente devido ao pouco material existente sobre os primeiros. Assim, apesar do material cerâmico localizado nos sítios da área de desenvolvimento do projeto Serra do Sossego, no atual município de Canãa dos Carajás, apresentar características da tradição cerâmica Tupiguarani, por enquanto não é possível precisar, a partir das informações disponíveis, quais grupos indígenas habitaram especificamente na região do rio Parauapebas, na área do projeto. Porém, as informações de cunho linguístico, histórico e etnográfico a respeito dos atuais grupos Tupi-Guarani da região, especialmente os Asuriní do Tocantins, Asuriní do Xingu, Suruí, Araweté e Parakanã, poderão servir de base comparativa para as informações e vestígios arqueológicos recolhidos nos locais de ocupação antiga de povos Tupi-Guarani, sendo investigados pelo projeto. Um item bastante promissor para a comparação é o uso de cerâmica entre os grupos atuais da região. Para futuras pesquisas seria interessante aliar o levantamento já realizado sobre os atuais povos Tupi-Guarani habitantes da região, especialmente sobre sua localização histórica e atual, organização social e espacial, cultura material e padrões de subsistência, com pesquisas no campo da etnoarqueologia, visando entender os padrões de ocupação e transformação dos territórios, a manutenção e transmissão dos etnoconhecimentos associados e demais

informações que permitam estabelecer uma comparação entre as informações obtidas com os grupos atuais e informações derivadas das descobertas arqueológicas em sítios da região.

Pela necessidade de delimitação, investigamos mais detalhadamente para este trabalho os cinco grupos Tupi-Guarani atuais da região Tocantins-Xingu (Asuriní do Tocantins, Asuriní do Xingu, Suruí, Araweté e Parakanã), porém, é importante considerar que além desses cinco grupos Tupi-Guarani atuais dessa região, outros grupos Tupi-Guarani habitaram essa região em tempos passados, tendo migrado posteriormente para diferentes áreas. Assim para se completar esse levantamento linguístico e etnohistórico é necessário considerar também, pelo menos, os outros grupos Tupi-Guarani, cuja trajetória espacial e/ou afiliação linguística os situa na região Tocantins-Xingu, em tempos remotos, como os já citados Wayampi, Tapirapé, Kamayurá, Tenetehára (Tembé, Guajajara e Turiwára), Avá-Canoeiro, Anambé do Cairarí e o Ararandewára/Amanajé, ou seja, os demais membros dos subgrupos da família Tupi-Guarani, que contêm as línguas dos cinco grupos atuais da região investigada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos organizadores e patrocinadores do Encontro Internacional de Arqueologia da Amazônia/2008, às editoras deste volume Edithe Pereira e Vera Guapindaia, a Sebastian Drude pelos criteriosos comentários e sugestões que ajudaram a melhorar uma primeira versão deste trabalho e ao referee anônimo cujas sugestões deixaram o texto mais claro ao leitor. A responsabilidade pelo conteúdo e eventuais erros é inteiramente minha.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Assuriní do Tocantins. In: ENCICLOPEDIA dos Povos Indígenas. São Paulo: ISA, fev. 1999. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/asurini-do-tocantins/20>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

ARNAUD, E. Mudanças entre os grupos indígenas Tupi da região do Tocantins-Xingu (Bacia Amazônica) In: ARNAUD, E. **O Índio e a expansão nacional**. Belém: CEJUP, 1989. p. 315-364.

ARNAUD, E. Notícia sobre os índios Araweté, rio Xingu, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, nova série Antropologia. Belém, n.71, 23p. 1978.

BALDUS, H. **Tapirapé**: tribo tupí no Brasil Central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, EDUSP, 1970.

BROCHADO, J. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern south America**. 1984. 574f. Tese (Doutorado) – University of Illinois, Urbana-Champaign, 1984. 574p.

- BROCHADO, J. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dedalo**, Revista de Arqueologia e Etnologia, v. 27, p. 65-82, 1989.
- CABRAL, A.S.A.C. Sobre a história das línguas Tupí-Guaraní faladas no Tocantins. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). **Populações e tradições as margens do Tocantins**. Belém: EDUFPA, 2004. v. 1. p. 301-314.
- CABRAL, A. S. A. C.; SOLANO, E. J. B. Sobre as línguas Tupí-Guaraní do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: UFPA, IFNOPAP, 2003. v. 1. p. 17-36.
- CAMPBELL, L. **Historical linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University 1998.
- COUDREAU, H. A. **Viagem ao Xingu**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; EDUSP, 1977. (Reconquista do Brasil, v. 49).
- COUDREAU, H. A. **Viagem a Itaboca e ao Itacaiúnas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Reconquista do Brasil, v. 60).
- DIETRICH, W.; SYMEONIDIS, H. (Orgs.). **Geschichte und aktualität der deutschsprachigen Guarani-Philologie**. Akten der Guarani-Tagung in Kiel und Berlin. Berlin: Verlag, 2008.
- DRUDE, S. Awetí in relation with Kamayurá: The two Tupian languages of the Upper Xingu. In: FRANCHETTO, B. (Org.). **Alto Xingu**. Uma sociedade multilíngüe. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ. No prelo.
- FAUSTO, C. O tempo da matéria. In: FAUSTO, C. **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 39-101.
- FAUSTO, C. Parakanã. In: ENCICLOPÉDIA dos Povos Indígenas, ISA, dez. 2004. São Paulo: ISA. Disponível em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/parakana> > . Acesso em: 30 ago. 2008.
- FERREIRA, M. R. **As bandeiras do Paraupava**. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1997.
- FIGUEIREDO, G. R. **O ramo IV e seu desmembramento em línguas independentes**: contribuição aos estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- FOX, A. Comparative reconstruction of morphology, syntax, and the lexicon. In: FOX, A. **Linguistic reconstruction: an introduction to theory and method**. Oxford: Oxford University, 1995. 374p.
- FRIKEL, P. Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do rio Caeteté. **Revista do Museu Paulista**, nova ser., v. 14, p. 145-158, 1963.
- GALUCIO, A. V. **Programa de Arqueologia preventiva na área da mineração Serra do Sossego, Canaã dos Carajás (PA)**. Relatório I: Informações sobre os grupos indígenas da região Tocantins-Araguaia, até o início do Século XX, nas crônicas dos viajantes e missionários e em relatos etnográficos. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005a. abr. 43 p. Manuscrito.
- GALUCIO, A. V. **Programa de Arqueologia preventiva na área da mineração Serra do Sossego, Canaã dos Carajás (PA)**. Relatório II: Informações sobre os grupos indígenas Tupi-Guarani da região Tocantins-Xingu: Araweté, Asuriní do Tocantins, Asuriní do Xingu, Parakanã e Suruí. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005b. 92 p. Manuscrito.
- HOCK, H. H. **Principles of historical linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. 744p.
- HUXLEY, F. **Selvagens amáveis**. São Paulo: Nacional, 1963. (Brasiliana, v. 316).
- JEFFERS, R. J.; LEHISTE, I. **Principles and methods for historical linguistics**. Cambridge; MIT Press, 1992.
- JENSEN, C. Comparative study: Tupí-Guaraní. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). **Handbook of Amazonian languages**. v.4. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 487-618.
- LARAIA, R. de B. Os Suruí e Akuáwa-Asuriní In: LARAIA, R. de B.; DA MATTA, R. **Índios e castanheiros: a empresa extrativa e os índios do médio Tocantins**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 61-112.
- LARAIA, R. de B. Uma etno-história Tupi. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p.25-32, 1984-1985.
- LARAIA, R. de B. Surui. In: ENCICLOPÉDIA dos Povos Indígenas. São Paulo: ISA, set. 1998. Disponível em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/surui> > . Acesso em: 30 ago. 2008.

- LATHRAP, D. **The upper Amazon**. London: Thames & Hudson, 1970.
- LEITE, S. S. s.j Livro terceiro: Pará. In: LATHRAP, D. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. t. III, norte 1-fundações e estradas, séculos XVII e XVIII). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Livraria Portugália, 1943. p. 205-366.
- LEMLE, M. Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, D. (Ed.). **Tupi studies 1**. Norman: SIL, University of Oklahoma, 1971, p.107-129.
- LOUKOTKA, C. Les langues de La famille Tupi-Guarani. **Boletim de Etnografia e Tupi-Guarani da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 16, p.1-42, 1950.
- MELLO, A. A. de S. **Estudo Histórico da família linguística Tupi-Guarani**. 2000. 286f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.
- METRAUX, A. Migrations historiques Tupi-Guarani. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, nouvelle série, t. XIX, p. 1-45, 1927.
- MOORE, D.; STORTO, L. As línguas indígenas e a pré-história. In: PENA, S. (Org.). **Homo brasilis**: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. p.73-92.
- MOURA, I. B. de. **De Belém a S. João do Araguaia**: Vale de rio Tocantins (1896). Belém: Secretaria de Estado da Cultura, Fundação cultural do Pará Tancredo Neves, 1989. (Lendo o Pará, 4)
- MOURA, I. B. de. Estado do Pará: ethnografia statica. In: DICCIONARIO Historico, geographico e ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1922. p.133-136. v. 2.
- NIMUENDAJÚ, C. Little-known tribes of the lower Tocantins river region forest Tribes. **Bulletin Bureau of American Ethnology Smithsonian Institution**, Washington DC, n.143, p. 203-208, 1948a.
- NIMUENDAJÚ, C. Tribes of the lower and middle Xingu river. **Bulletin Bureau of American Ethnology Smithsonian Institution**. Washington DC, n.143,p.213-243, 1948b.
- NIMUENDAJÚ, C. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú de 1944**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. 97 p. Il.
- NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e as rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.
- PEREIRA, E. Programa de arqueologia preventiva Serra do Sossego. **Relatório Técnico**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2008. Manuscrito.
- PEREIRA, E.; SILVEIRA, M.; RODRIGUES, M.; COSTA, C.; MACHADO, C. A tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Eds.). **Os Ceramistas Tupiguarani**. 1 ed. Belo Horizonte: Sigma, 2008. v. 1, p. 49-66.
- RIVET, P. Langues de l'Amérique du sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Eds.). **Les langues du monde**. 2. ed. Paris: C.N.R.S. 1952. p. 1099-1160.
- RIVET, P.; LOUKOTKA, C. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Eds.). **Les langues du monde**. Paris: C.N.R.S. 1924. p. 597-712.
- RODRIGUES, A.D. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistics**, Baltimore, v. 24, p. 231-234, 1958.
- RODRIGUES, A.D. A classificação do tronco lingüístico Tupí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 12, p. 99-104, 1964.
- RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní, **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984-1985.
- RODRIGUES, A. D. Evidence for Tupí-Carib relationship. In: STARK, L. R.; KLEIN, H.E.M. (Eds.). **South american indian languages**: retrospect and prospects. Austin: University of Texas, 1985. p. 371-404.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.

- RODRIGUES, A. D. Proto-Tupí evidence for agriculture. In: INTERNATIONAL ETHNOBIOLOGY CONFERENCE, 1., 1988, Belém. **Trabalho apresentado...** Belém, 1988.
- RODRIGUES, A. D. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2., 2000, Florianópolis. **Atas...** Florianópolis: UFSC, 2000. CD-ROM.
- RODRIGUES, A. D. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: UFPA, IFNOPAP, 2003. v. 1, p. 37-51.
- RODRIGUES, A. D. Tupí languages in Rondônia and in eastern Bolivia. In: WETZELS, L. (Ed.). **Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area**. Leiden: CNWS Publications, 2007.v.1, p. 355-363.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., 2002, Belém. **Atas...** Belém: EDUFPA, 2002. p. 327-337.
- SAINT-ADOLPHE, M. de J. C. R. **Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil**. Obra... transladada em portuguez do manuscripto inedito francez, com numerosas observações e adições, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. t.I e t.II: Pariz: Casa de J.P.Aillaud Editor, 1845.
- SCHLEICHER, C. **Comparative and internal reconstruction of the Tupi-Guarani language family**. 1998. 372f. Tese (Doutorado) – University of Wisconsin, Madison, 1998.
- SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupí-Guarani do alto Xingu**. Campinas: Unicamp, 2000. 500 p.
- SILVA, F. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, jan.- abr. 2009.
- SOLANO, E. de J. B. **A posição do Araweté na família lingüística Tupí-Guaraní: considerações lingüísticas e históricas**. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Lingüística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- STORTO, L.; FRANCHETTO, B. Hipóteses linguísticas sobre o povoamento das Américas: é o Ameríndio a língua original do continente sul-americano? In: SILVA, H. P.; RODRIGUES-CARVALHO, C. (Orgs.). **Nossa origem: o povoamento das Américas: visões multidisciplinares**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006, p. 105-122.
- URBAN, G. On the geographical origins and dispersion of Tupian languages. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n.2, p. 61-104, 1994.
- VIEIRA, A. **Cartas do Padre Antonio Vieira**. t.1. Lisboa: Imprensa Nacional. 1997.
- VILLA REAL, Thomas de Souza. Viagem de Thomas de Souza Villa Real pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho (1792). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. iv, p. 401-444, 1892.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 744 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté: o povo do Ipixuna**. São Paulo: Cedi, 1992. 192 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Comentário ao artigo de Francisco Noelli, **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 55-60, 1994.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté**. In: ENCICLOPÉDIA dos Povos Indígenas. São Paulo: ISA, maio 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/arawete>> . Acesso em: 30 ago. 2008.